

APRESENTAÇÃO

Gerson Galo Ledezma Meneses

Para a equipe de Ameríndia é motivo de satisfação dizer que a revista ultrapassou as fronteiras do Departamento de História da UFC ao apresentarmos artigos de alunos da área de Filosofia e do curso de doutorado em Sociologia das Ciências Sociais, bem como a colaboração do Dr. Jesus Izquierdo, professor deste último Depto, que nos prestigia publicando um trabalho sobre o conflito armado na Colômbia. Neste volume publicamos dezoito artigos: treze versam sobre a história da América Latina; três analisam vários aspectos da história do Brasil; um trata da relação da filosofia com a história contemporânea do continente latino-americano, e um último critica o prefácio do “Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial- Visão Geral”, do Banco Mundial, na sua edição de 2006.

Dos trabalhos sobre América Latina, seis focalizam a América pré-colombiana: em **A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E O TRABALHO NA SOCIEDADE INCA**, de Adriano Vieira Rolim & Larissa Lima Malafaia Carvalho, os autores tem por objetivo analisar se a religião atuava como uma forma ideológica a fim de justificar a exploração da camada social dirigente sobre a produtora, ou se esta mentalidade religiosa era essencial para manter o equilíbrio da sociedade, onde havia uma complementaridade de funções entre os líderes e o povo. Em **FILHOS E filhos: AS PARTICULARIDADES DO SER CRIANÇA NO IMPÉRIO INCA E DA CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NA EUROPA**, Annita Muratori & Wendy Santana discutem a respeito do papel desempenhado pela criança na sociedade Inca em comparação com a visão de infância compartilhada entre os europeus no início da época moderna. Identificam as diferenças e particularidades no tratamento dispensado às crianças entre essas duas culturas distintas. Em **A ORALIDADE E A ESCRITA NA SOCIEDADE ASTECA: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PODER**, Felipe Evandro Martins Silva têm como finalidade mostrar a importância da oralidade e a relação que a sociedade asteca desenvolveu com a escrita. Partindo de uma perspectiva que procura mostrar os astecas para além do estereótipo de uma sociedade estritamente militar e

sanguinária. Portanto pensar como uma sociedade de guerreiros pode demonstrar tanto apego às artes e à poesia.

No artigo **“NO MEU REINO, NENHUM PÁSSARO VOA NEM FOLHA ALGUMA SE MOVE, SE ESTA NÃO FOR MINHA VONTADE”**: O CARÁTER DESPÓTICO DOS INCAS, Tiago da Silva Fernandes & Eduardo Teixeira da Silva procuram mostrar que havia exploração organizada na América antes da invasão espanhola. Tratam da idéia de um Estado essencialmente militarista – devido a sua dedicação ao expansionismo através da conquista de uma área vasta e com diversificadas etnias – que dava não apenas condições privilegiadas de existência para uma elite do Estado, mas também que fornecia condições de subsistência para as famílias residentes na área do Estado inca. Ítalo Costa Bahia, **GUERRAS SAGRADAS: O CARÁTER RELIGIOSO DAS GUERRAS ASTECAS**, tem por objetivo caracterizar a instituição da guerra e da religião asteca, tentando apresentar sua especificidade dentro do seu contexto cultural; propõe-se estabelecer também uma relação entre ambas bem como mostrar como este vínculo entre guerra e religião contribuiu para a derrocada do grande império asteca. Em **CONHECER PARA CONQUISTAR: ESTUDO COMPARATIVO DAS CONQUISTAS DOS IMPÉRIOS ASTECA E INCA**, José Adeildo Bezerra de Oliveira analisa a forma como a conquista do chamado “novo mundo” se deu de formas variadas, nos mais diversos locais e povos do “novo continente”, ressaltando, porém, as suas semelhanças. Em particular, aborda as conquistas dos impérios Asteca e Inca, enfatizando a utilização das linguagens pelos europeus, em cima da mentalidade indígena.

O trabalho de Diego de J. Vieira Ferreira, André Luiz Araújo Ramos & Matheus M. Machado Carrion, **A DIVERSIDADE DAS IDEOLOGIAS DE CONQUISTA: REFLEXOS INICIAIS NO NOVO MUNDO**, analisa o pensamento de três personagens fundamentais para a compreensão da colonização na América Espanhola: Colombo, Las Casas e Cortez; mostram que possuíam idéias e atitudes distintas em relação aos diversos aspectos encontrados no processo de conquista.

Um dos trabalhos aborda a América colonial: Fabiano Almeida Matos em **O TRABALHO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA COLONIAL: ESCRAVIDÃO E SERVIDÃO COLETIVA** mostra como o trabalho indígena na América pré-colombiana

diferia de uma região para outra. Na região onde se encontra o Brasil, por exemplo, os índios não tinham uma mentalidade de trabalho árduo e diário, mas apenas de produzir e caçar o que fosse necessário para a sua subsistência. Nas regiões conquistadas pela Espanha onde antes havia grandes impérios indígenas, o trabalho compulsório e produções de excedentes eram os fatores da expansão e da manutenção desses impérios.

O seguinte trabalho articula a herança asteca e o período republicano mexicano: **LUGARES DE MEMÓRIA: A HERANÇA ASTECA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MEXICANA**, de autoria de Eliézer Moreira Batista & Tiago Cavalcante Porto; discute-se como em dois momentos: o processo de independência do México (1822) e a Revolução Mexicana de (1910), os lugares, os objetos e a memória asteca foram apropriados, transformando-se em lugares de memória, utilizados como símbolo da construção de uma identidade nacional.

Dois artigos voltam-se para a análise da literatura no século XIX argentino: **“FACUNDO – CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE”**: UMA INTERPRETAÇÃO DA ARGENTINA PÓS-INDEPENDÊNCIA, de Rafael Ricarte da Silva, discute a obra de Domingos F. Sarmiento, *Facundo: civilização e barbárie*, buscando analisar como o autor trabalhou com a figura de Facundo Quiroga para entrar na discussão acerca do que entendia por civilização e barbárie na Argentina pós-independência. Maria Roberta Soares do Nascimento & Ruben Maciel Franklin em **SARMIENTO: A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE NA IDENTIDADE ARGENTINA**, também analisam a obra *“Facundo, Civilização e Barbárie”*, de Sarmiento (1810-1888)- um ensaio histórico escrito em 1845 sob a forma de folhetim, quando o autor estava exilado no Chile devido suas posições políticas liberais. Mostram que a obra buscava caracterizar a República Argentina no intuito de produzir uma identidade nacional e criticar a corrupção e o autoritarismo da política oligárquica em que o país estava mergulhado.

Já o artigo de Amanda Maria Lima Rodrigues, **AS MULHERES E AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO XIX: INVISÍVEIS OU INEXISTENTES?**, analisa como se deu a participação das mulheres – independentemente de classe social ou da maneira como apoiaram e/ou lutaram – nas revoluções latino-americanas que pretendiam a libertação do domínio espanhol e a

mudança do *status* de colônia para o de nação. Revoluções essas influenciadas por uma ideologia iluminista, que ao ser colocada em prática era deturpada de modo a fazer com que houvesse apenas uma mudança na classe dirigente, restando ao social, permanências próprias do regime anterior.

Apresentamos três trabalhos focalizando a história do Brasil: o primeiro, de Ana Lorym Soares, **A RELAÇÃO DOS JESUÍTAS COM OS ÍNDIOS NO BRASIL COLONIAL**, apresenta uma análise das relações que os missionários jesuítas estabeleceram com os índios no Brasil colonial durante o empreendimento da catequese. Além disso, analisa outras faces dessa relação como o trabalho indígena, freqüentemente utilizado pelos missionários e a violência infligida às populações ameríndias na imposição da cultura européia. Bruno Cordeiro Nojosa de Freitas, **EXALTAÇÃO DOS ELEITOS: A PROVÍNCIA DO CEARÁ NAS ELEIÇÕES DAS DÉCADAS DE 1850 E 60 E SEUS AMÁLGAMAS SOCIAIS**, fundamenta o trabalho em pesquisa baseada em fontes da época como jornais, relatórios de presidentes de província, diários de viagem e cartas; o trabalho em questão diz respeito ao universo político e social da província cearense no que toca às eleições ocorridas por volta de 1860. São apresentados aqui os fenômenos políticos mais abrangentes no país e que mantêm ligação com as estruturas específicas da província do Ceará. Já **NARRATIVAS E NARRADORES DAS AGRURAS DA NACIONALIDADE: A REVOLUÇÃO BRASILEIRA NAS EPOPÉIAS DE EUCLYDES DA CUNHA, CAPISTRANO DE ABREU E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**, de autoria de Sander Cruz Castelo, diagnostica a problemática da invenção da nacionalidade brasileira em três obras matriciais: *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Capítulos de história colonial* (1907), de Capistrano de Abreu, e *Raízes do Brasil* (1907), de Sérgio Buarque de Holanda. O cerne do trabalho é a análise da obra de Holanda. Porém, segundo afirma Castelo, as outras duas produções aparecem na medida que graças a elas se conseguiu a passagem do cientificismo do XIX para o realismo da geração de 30. Sem elas, o Brasil sertanejo não adquiriria visibilidade, condenando, de saída, todo e qualquer esforço de entender o país.

Em **A CONCEPÇÃO HEGELIANA DE ESTADO PARA O CONTEXTO POLÍTICO ATUAL DA AMÉRICA LATINA** José Aldo Camurça de Araújo tem como finalidade expor duas concepções de Estado: um no âmbito filosófico, e outro no âmbito

político. Na filosofia, tenta expor como Hegel concebia o Estado enquanto verdadeiro fundamento da liberdade. Depois analisa como o conceito hegeliano de Estado se aplica hoje na atual conjuntura política da América Latina face ao processo de globalização que ocorre em nosso continente.

Jesus Izquierdo, em **OS COMEÇOS DE UMA LUTA SEM TRÉGUA UMA ABORDAGEM ÀS ORIGENS DA GUERRILHA COLOMBIANA**, tenta abordar, desde uma perspectiva histórica, o processo de configuração do *habitus* guerreiro nos grupos de autodefesa camponesa que, posteriormente, inspirados em doutrinas de cunho revolucionário, se constituirão na base social do autodenominado grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército Popular (FARC-EP). O ponto de partida para tal abordagem são os conflitos agrários de luta pela terra entre camponeses assalariados e latifundiários.

Finalmente, Sander Cruz Castelo, **“DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE”, OU COMO SE ESCAPAR DE UM “REDEMOINHO”: UM PONTO DE VISTA ACERCA DO “RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO MUNDIAL 2006-VISÃO GERAL”**, analisa criticamente o prefácio do “Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial-Visão Geral”, do Banco Mundial, na sua edição de 2006. Primeiramente, traça breve histórico do ideário desenvolvimentista, procurando contextualizá-lo no tempo e no espaço. Em seguida, faz um estudo crítico do relatório analisando passo a passo suas argumentações. Para no final traçar breves considerações acerca da abrangência ou limitação de suas noções acerca do desenvolvimento.

Esperamos que os nossos caros leitores aproveitem ao máximo estas agradáveis leituras.

Fortaleza, 29/08/2007.